

# Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil<sup>1</sup>

Cléo V. Altenhofen/Jaqueline Frey/Maria Lidiani Käfer/Mário S. Klassmann/Gerson R. Neumann/Karen Pupp Spinassé

This paper discusses a foundation for writing Hunsrückisch as a German immigrant language in contact with Brazilian Portuguese. This foundation brings together the main conclusions obtained by the Group for the Studies of Hunsrückisch Writing (Grupo de Estudos da Escrita do Hunsrückisch – ESCRITHU). This group was formed at the Language Institute at the Federal University of Rio Grande do Sul with the goal of proposing not only a system of orthographic norms for a language that exists mostly just in oral forms, but also to encourage research on and linguistic education for speakers of this immigrant language. An already extant literature in Hunsrückisch includes journal and magazine texts such as *Sankt Paulusblatt* or the *Brumbär-Kalendar*, published between 1931 and 1935, as well as texts by authors such as Rambo (2002 [1937-1961]), Gross (2001), and Rottmann (1889 [1840]). From these texts various writing formats, guidelines, and goals for an orthographic norm are analyzed, be they for the written expression of the speakers or for useful instruments in the transliteration of ethnotexts within the ALMA-H project (*Linguistic-Contactual Atlas of the German Minorities in the La Plata Basin: Hunsrückisch*), with which ESCRITHU collaborates.

**Key words:** immigrant minority language; Hunsrückisch; orthography; written language; German teaching.

## 1 Introdução

Com as discussões em torno da criação, no âmbito do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional),<sup>2</sup> de um Livro das Línguas Brasileiras, tem crescido o interesse na organização social das cerca de 180 línguas indígenas e aproximadamente 30 línguas de imigração faladas ao lado do português, no Brasil. Como uma dessas línguas do tipo alóctone ou de imigração<sup>3</sup> mais em evidência, ainda recaem sobre o Hunsrückisch uma série de tarefas. Uma dessas tarefas advém justamente da sua condição de variedade dialetal essencialmente falada, que não dispõe de uma prática e registro escrito sistematizados, função que até hoje tem sido coberta pelas normas cultas do Hochdeutsch e do português. Entende-se, assim, por que o falante de Hunsrückisch, apesar de ser esta sua língua materna, sempre cogitou exclusivamente do português ou do alemão-padrão para a função da escrita, a não ser em situações em que comumente aflora o desejo de expressão da identidade e da cultura local, como nos textos humorísticos. Um exemplo que ilustra a primazia da língua-padrão para a função escrita são os *Wandschoner* (panos para proteger parede), dos quais não temos conhecimento de

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves, 9500  
Caixa Postal 15.002, 91540-000 Porto Alegre, RS – Brasil. Telefone: (51) 3308-6790 Fax: (51)  
3308-7303. E-mail: [cvalten@pro.via-rs.com.br](mailto:cvalten@pro.via-rs.com.br)

exemplar que apresente uma frase ou ditado no dialeto local, embora muitas vezes com algum traço de coloquialidade.

Neste sentido, pode-se admitir que, ao longo da história do contato alemão-português, tenha ocorrido uma espécie de *diglossia*, como os lingüistas chamam o uso de duas variedades (alta e baixa) para funções sociais distintas. Isso significa, em outras palavras, que se falava Hunsrückisch, porém se escrevia Hochdeutsch – a *Schriftsprache*, ou ainda popularmente o “alemão gramatical” –, isto é, uma variedade aprendida na escola, com o auxílio de uma gramática que sistematiza e normatiza essa escrita. Com a política de nacionalização do Estado Novo (1937-1945) e a conseqüente repressão e retrocesso do ensino de alemão na escola básica e fundamental, a função de língua escrita passou a ser assumida pelo português.

Apesar dessa tendência geral, é possível identificar um conjunto de textos em Hunsrückisch que permitem ao menos falar de uma “pequena” tradição escrita nessa variedade. É verdade que o teor desses textos atende a um apelo fortemente humorístico sobre um fundo metarreferencial que busca documentar e cultivar um modo de expressão familiar e de cunho identitário. Poderíamos falar por isso da existência de *etnotextos escritos* e de uma visão de mundo que reflete a cultura do grupo étnico em questão. O que, no entanto, falta que impeça e justifique uma produção escrita mais significativa e constante, onde antes só havia a oralidade? Constitui uma premissa deste estudo a convicção de que cabe atribuir ao dialeto, antes de tudo, o mesmo *status* de língua a que têm direito o alemão-padrão e o português enquanto línguas históricas com existência oral e escrita. Isso implica naturalmente a criação de um instrumento inicial de sistematização dessa escrita, como ponto de partida.

A idéia de fixar, ou melhor, normatizar uma escrita para o Hunsrückisch tem, portanto, fundamento no próprio papel que a escrita exerce enquanto forma de expressão e segue, como tal, princípios próprios observáveis, por exemplo, na história de todas as grandes línguas internacionais. Todas essas línguas tiveram, em seus diversos estágios, especialmente os iniciais, variações muito grandes da grafia de uma mesma palavra ou lexema e, só com a prática e o trabalho de sistematização de estudiosos, foram estabelecendo sua norma escrita como a conhecemos hoje.

O presente artigo reproduz, de certa forma, esse caminho clássico. Pretende-se, com a consideração da “pequena” tradição, a que já se aludiu, dos estudos existentes, bem como de uma série de princípios previamente fixados, propor um conjunto de normas que oriente uma escrita sistematizada do Hunsrückisch. Para tanto, criou-se no Instituto de Letras da UFRGS o *Grupo de Estudos da Escrita do Hunsrückisch* (ESCRITHU) que tem por objetivo não apenas criar esse sistema de normas, mas também refletir e fomentar o estudo e educação lingüísticas dessa variedade que, segundo estimativas de pesquisas, conta com cerca de 500.000 falantes só no Rio Grande do Sul.<sup>4</sup> O grupo ESCRITHU, constituído em sua maioria por falantes de Hunsrückisch e pesquisadores dessa variedade de contato com o português, insere-se no projeto ALMA-H (*Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), como sub-projeto deste (v. ALTENHOFEN 2004).

## 2 Princípios de ortografia: por onde orientar a escrita do Hunsrückisch?

Antes de fixar ou optar por qualquer proposta de registro escrito de uma língua como o Hunsrückisch, é preciso perguntar sobre os objetivos a que se destina tal escrita. Neste particular, podemos identificar diferentes pontos de vista, que refletem uma série de dilemas, entre os quais se pode destacar:

1.º) o dilema entre “o ideal fonográfico (uma escrita que refletisse regularmente uma forma idealizada de pronunciar) e o princípio ideográfico (que opta por manter a etimologia, a notação das palavras em sua língua original)” (MORAIS 2003, p. 11).

- 2.º) o dilema entre considerar a vinculação histórica com a matriz lingüística original e o desejo de se afastar e diferenciar dessa origem, em virtude de uma identidade nova.
- 3.º) finalidades de leitura (receptiva) e de produção escrita (autora).
- 4.º) a finalidade estritamente comunicativa e prática *versus* o propósito didático-pedagógico, com o intuito de desenvolver a reflexão e educação sobre a língua;
- 5.º) definição de um público-alvo fechado e restrito aos usuários da língua grafada membros da comunidade lingüística ou público-alvo aberto a não-falantes ou membros de outras comunidades lingüísticas.

O primeiro aspecto levanta, segundo Morais (2003), questões que vão muito além da mera codificação de relações som-grafema. Se simplesmente seguissemos a tese da “escrita fonética” (=escrever como se pronuncia), que seus defensores acreditam ser mais simples, teríamos ao final mais de uma língua escrita, pois é diferente a natureza interpretativa do som pelos diferentes falantes, assim como também variam as pronúncias na produção oral dos falantes. Conforme enfatiza Morais (2003, p. 13), “a perfeição alfabética é uma ilusão”, seja qual caminho se adote, e “sempre as soluções encontradas terão sido opções, soluções arbitradas que se transformaram em convenção, lei”.

Neste sentido, o que o grupo ESCRITHU está propondo vai muito no sentido de fixar “normas ortográficas” por onde se possa sistematizar a escrita do Hunsrückisch. Evidentemente, essas normas seguem determinados objetivos e opções mais imediatos. Mas será a recepção pelos usuários e a prática de escrita e leitura pelos falantes e demais interessados que darão legitimidade a essas normas de grafia, sugerindo inclusive as alterações que couberem. Por esta razão, na tentativa de harmonizar os diferentes opostos dos dilemas apontados acima, fixamos os seguintes critérios e objetivos:

- a) Entende-se a escrita, acima de tudo, como convenção e regra sistemática que, como qualquer sistema novo que se fixe, por mais simples que seja, precisa ser aprendida (neste sentido, importa o resultado que a leitura de um segmento produz oralmente; p.ex. se fixarmos que *Johr* ‘ano’ se lê como *Rohr* ‘cano’, a representação grafemática do segmento é lida como tal, e não de outra forma, seguindo outro paradigma).
- b) A proposta não se direciona apenas a falantes de Hunsrückisch, mas pretende ser compreensível também a membros falantes de outras variedades do alemão (uma escrita puramente fonética baseada no português excluiria o público não-falante nativo e aumentaria o vácuo entre o Hunsrückisch e o Hochdeutsch, não permitindo por exemplo que um professor de alemão fizesse comparações relevantes, para fins didáticos).
- c) Distingue-se entre as habilidades de escrita e de leitura de textos produzidos de acordo com as normas fixadas (a primeira certamente exige um grau de letramento e portanto de familiaridade com o alemão escrito maior).
- d) Vale ressaltar que o Hunsrückisch é entendido como “língua” distinta do Hochdeutsch (alemão-padrão), embora se vincule a ele historicamente e por semelhança lingüística. Quando se adota no Hunsrückisch traços da escrita semelhantes à do Hochdeutsch, não se está de modo algum adequando ou adaptando a forma, mas sim apenas adotando uma convenção que atesta uma coincidência de formas independentes, apesar da semelhança.
- e) Não se considera que o pré-conhecimento de elementos gráficos do Hochdeutsch esteja totalmente ausente. Pelo contrário, partimos do princípio de que os falantes de Hunsrückisch possuem, naturalmente em grau variado, alguma noção prévia de convenções da escrita do alemão, desde sobrenomes (*Schneider, Müller, Neumann,*

- Käfer* etc.) ou inscrições de topônimos ou festas observáveis no meio social, até o acesso a publicações locais em alemão (*Familien-Kalender, Sankt-Paulus-Blatt* etc.).
- f) A proposta tem por isso objetivo didático, no sentido de que visa não somente a instrumentalizar o falante e a nós próprios para o registro do Hunsrückisch, como também fomentar a educação lingüística dos falantes sobre o papel e funcionamento de sua língua materna e de uma língua de modo geral.
- g) Reconhecem-se pelo menos três grandes variantes do Hunsrückisch, partindo da tipologia de Altenhofen (1996, mapa 6, v. anexo), a saber:
1. Hunsrückisch com traços [+ moselanos] (o tipo com maior número de traços dialetais que o distanciam do Hochdeutsch); p.ex. falantes de *dat/wat* (predomina na maioria dos autores, como RAMBO [1937-1961] e BRUMMBÄR-KALENDER [1931-1935]);
  2. Hunsrückisch com traços [+ renanos] (segundo o estudo de Altenhofen (1996), o tipo mais falado): p.ex. falantes de *das/was* (mais comum em SPOHR [vários] e em GROSS 2001);
  3. Hunsrückisch atenuado, com traços mais próximos do padrão: p.ex. falantes de /ai/ em lugar de /e:/, como em *Bein*, (mais comum em FLACH 2004).

O ESCRITHU respeita cada uma dessas variantes como legítimas e toma como regra que cada autor utilize a sua variante materna, porém com as mesmas normas de escrita de cada som específico.

- h) A proposta destina-se inicialmente às finalidades internas do Grupo, mas, conforme já se disse, será sua prática e utilização externa, através de uma série de testes e atividades que, eventualmente, podem ser realizadas (p.ex. *workshops*, publicação de textos etc.), que lhe conferirá a eficácia desejada.
- i) É uma das intenções do ESCRITHU elaborar posteriormente um *Dicionário trilíngüe Hunsrückisch-Hochdeutsch-Brasilianisch* (compreende-se o dicionário igualmente como instrumento de auxílio para consulta de dúvidas sobre grafia, como comumente fazemos até mesmo no português e no alemão-padrão).
- j) A escrita proposta servirá de base para a transliteração de dados, sobretudo etnotextos, coletados pelo ALMA-H na rede de pontos do projeto (ao todo, 38).
- k) A presente proposta de escrita considera a tradição pré-existente e a vinculação histórica e lingüística ao alemão, de onde proveio (critério genético). Do ponto de vista da **gestão da língua** pela comunidade de fala, ao contrário, reconhece-se o *status* de brasilidade da língua de imigração Hunsrückisch, com língua brasileira que adquiriu sua autonomia e traços particulares no novo meio.

Segue a análise e discussão de alguns problemas e opções envolvendo diferentes aspectos passíveis de sistematização no registro escrito de sons do vocalismo e consonantismo, bem como de aspectos tipográficos e formais. Casos mais problemáticos e polêmicos, para os quais não existe ainda consenso, serão resolvidos através da prática de uso das normas ortográficas pelos diferentes usuários.

## 2 Aspectos tipográficos

- a) Substantivos com inicial maiúscula ou minúscula

Uma das primeiras decisões que cabe tomar envolve o registro da inicial dos substantivos. Poderia alguém alegar que o uso geral de inicial minúscula, como no português, facilitaria a escrita. Outros, porém, como por exemplo aprendizes de alemão têm apontado a vantagem de, na leitura, reconhecer e identificar mais facilmente os componentes da frase, na medida em que o substantivo aparece discriminado pela inicial

maiúscula. Não nos parece problemático optar por esta última forma, principalmente se pensarmos no caráter pedagógico que queremos imprimir ao trabalho com a escrita do Hunsrückisch. Além disso, tal decisão é respaldada quase unanimemente na tradição (vejam-se RAMBO [1937-1961], FLACH 2004, GROSS 2001, MÜLLER 1996, BRUMMBÄR-KALENDER [1931-1935], COLLISCHONN [vários], dentre outros).

#### b) Palavras compostas

O mesmo argumento da compreensibilidade do escrito vale para as palavras compostas que, a nosso ver, deveriam respeitar a forma aglutinada, por constituírem unidades semânticas próprias (p.ex. *Reenscherrem* ‘guarda-chuva’, e não *Reen scherrem*, *Tischtuch* ‘toalha de mesa’, e não *Tisch tuch*). A forma separada pode dar margem a dúvidas e ambigüidades, como p.ex. em *spritz bier* ‘*Spritzbier*, a cerveja caseira’.

#### c) Empréstimos do português: empréstimos integrados ou estrangeirismos

No caso dos empréstimos do português, maciçamente encontrados no Hunsrückisch, colocam-se dificuldades em exemplos, onde a ortografia do português difere substancialmente da do sistema de referência do alemão e, por conhecimento do português, tendêssemos à ortografia da língua de origem. Um exemplo que ilustra esse impasse é o lusismo *calçada*, que no Hunsrückisch pode aparecer como estrangeirismo (quando mantém a mesma forma da língua-fonte) – neste caso, *die Calçada* – ou como empréstimo já integrado ao sistema fonológico do Hunsrückisch – neste caso, *die Kalsoode*. Tal se observa também em galicismos como *die chamant* ‘simpático’ (fr. *charmant*). Como proceder nesses casos?

Seguindo os princípios fixados, poderíamos sugerir que os estrangeirismos seguem a ortografia da língua de origem, e os empréstimos integrados as regras da escrita do Hunsrückisch. A isso, porém é preciso somar a força do uso corrente e recorrente de determinada forma. A prática ainda nem sempre tem sido tão conseqüente, como mostra o título de um texto de W. H. Collischonn, na coluna *Der Friedolin*, intitulada *Uff de Calçode abgeritscht*. Nos parece que a sistematização proposta pode ajudar como orientação, embora se deva reconhecer que esses casos são fortemente regulados pela regra do uso, a qual explica por exemplo grafias como *Chor* ‘coral’, ao invés de *Kohr*, que causaria forte estranhamento no leitor. Nessa linha de raciocínio, é preciso levar em conta também grafias como a do exemplo *Calçode*. A prática do uso recorrente certamente irá regular esses casos.

Vale ressaltar que, na nossa concepção de escrita, entendemos que ao processo de leitura de um texto subjaz um diálogo intertextual e intercultural, no qual o leitor compara e associa conhecimentos e palavras. Ou seja, um texto em Hunsrückisch não existe no vácuo, mas dialoga com outros textos inclusive textos escritos em português e Hochdeutsch.

## 3 Vocalismo

### 3.1 Duração da vogal

No português, não há distinção entre vogais breves e longas, e conseqüentemente, não há grafemas no português para marcar esta distinção, o que nos leva a recorrer a regras do alemão.

### 3.1.1 Vogais breves

- a) No alemão, **vogal seguida de duas consoantes** é pronunciada com duração breve. Essa regra é seguida de maneira mais ou menos conseqüente pelos autores que escrevem em Hunsrückisch:

“*Wenn de alte Vetter Pitter sei gross Brill uff die Nas gesetzt hot*” ‘Quando o velho tio Pedro acavalava os óculos sobre o nariz’ (RAMBO 2002, v. 1, p. 156)

“*Donnaschtags Mittags hatt’a de Zug geholl bis Santa Maria*” ‘Quintas-feiras à tarde pegava o trem até Santa Maria’ (FLACH 2004, p. 102)

“*Die Kinna wolle, die Fraa will, unn de Mann will nix demit wisse. Unn dann?*” ‘As crianças querem, a mulher quer e o homem não quer saber de nada disso. E daí?’ (SPOHR, Familien-Kalender 2006, p. 130)

A regra aplica-se de modo geral também a exemplos monossilábicos muito freqüentes, como *uff*, *unn* e *honn*. Talvez, aqui, o uso e a prática possam sugerir uma forma simples.

- b) Um caso particular de aplicação dessa regra são os exemplos decorrentes da **adição de uma vogal epentética**, como em *Milch* ‘leite’, que se torna *Millich*, ou *Berg* var. *Berch* ‘morro’, que fica *Berrich*. A duplicação da consoante, para marcar que a vogal é breve, é usada pela maioria dos autores, como Spohr (p.ex. *Kerrich*, Familien-Kalender 2006, p. 106) e principalmente Rambo (*Kerrich*, 2002, v. 2, p. 49; *Millichstross*, 2002, v. 1, p. 81). Em nossa proposta, apesar da inclinação inicial para a forma simples, por questões, decidiu-se por fim pela aplicação sistemática da regra apresentada em a).
- c) As vogais átonas não oferecem grandes problemas, a não ser a **vogal /a/ em final de sílaba**, que em muitas palavras, e inclusive em nomes e sobrenomes (ex. *Peter*, *Schneider*, *Käfer*), é grafada como <-er>. Aqui, parece haver bastante divergências. Alguns autores chegam a misturar as formas <-er> e <a>, muitas vezes no mesmo texto. De modo geral, em Rambo, Rottmann e Gross predomina o emprego de <-er>, enquanto que Spohr e Collischonn variam o emprego entre <-er> e <a>. Exemplos: *imma* ‘sempre’, *awer* var. *awa* ‘mas’, *unsa* var. *unser* ‘nosso’ (COLLISCHONN in: *Der Friedolin*, 2006). Uma exceção é Flach, que emprega sistematicamente a grafia <a>, inclusive no título de seu livro *Unsa gut deutsch Kolonie*.

Um problema maior aparece em contextos de sílaba tônica. Evidentemente que a grafia de um pronome como *Wer* ‘quem’ tem de fato o efeito desejado, na medida em que a sua pronúncia conhecida da escrita do padrão coincide com a do Hunsrückisch. O que fazer, no entanto, com palavras como *mehr* var. *meh* ‘mais’, *Meer* ‘mar’, *mir* var. *mea* ‘a mim’ e a forma para o pronome pessoal *mea* var. *mia* ‘nós’.

Nossa opção é pelo **emprego de <-er> em posição pós-tônica** (p.ex. *unser* ‘nosso’, *Fenster* ‘janela’, *awer* ‘mas’) e de **<ea> em posição tônica** (p.ex. *Weat* ‘valor’, *heat* ‘ouve’), ressaltadas as exceções fixadas pelo uso recorrente. A opção por <-er> se deve à sua relação lógica com a formação do plural e da declinação de modo geral, onde aparece um /r/. Exemplo: *unsre Fenstre* ‘nossas janelas’. Este argumento está em sintonia com nosso propósito de fomentar, com esse trabalho, a reflexão e a educação lingüística em torno da língua materna.

- d) Os mesmos argumentos usados para o caso anterior valem, em parte, também para a **grafia de <or>** (como em *vor* ‘antes, na frente’, *Motor* ‘motor’). Flach registra <oa>, seguindo a mesma tendência para <(e)a>. Nossa dúvida novamente recai sobre os monossílabos, onde já existe a **grafia <-ohr>**, como em *Rohr* ‘cano’, *Ohr* ‘orelha’. Estendemos essa escrita por analogia a contextos resultantes de mudança vocálica, como em *Johr* ‘ano’, *Hohr* ‘cabelo’, *wohr* ‘verdadeiro’, com a mesma justificativa da concordância sintática, p.ex. de plural, como em *die Johre* ‘esses anos’, onde aparece o /t/. Essa grafia aparece também em Rambo e Rottmann:

“*Et war eso em Määdche  
Vunn neinzeh – zwanzig Johr,  
Hatt, wie Keschdanienschilze,  
So braune, glatt Hohr.*”<sup>5</sup> (ROTTMANN 1950, p. 144)

- e) Por fim, o mesmo tratamento de d) pode ser dado aos **segmentos <ur>** (como em *nur* var. *nurre*, *nore* ‘somente’, *pur* ‘puro’, *Schnur* ‘fio’, *Natur* ‘natureza’) e **<-uhr>** (p.ex. *Uhr* ‘relógio, hora’, *Fuhr* ‘carreiro ao arar’).

### 3.1.2 Vogais longas

Para marcar que a vogal é longa, o alemão oferece duas grandes regras que são seguidas pelos autores e também por nós:

- a) **Vogal diante de consoante simples** pronuncia-se como longa, em oposição à regra a) para vogais breves. Exemplos: *Lewe* ‘vida’ (compare-se *Lewwer* ‘fígado’), *brige* ‘brigar’ (compare-se com *Bricke* ‘pontes’).

Um problema sobre o qual muitas vezes não há muita clareza ocorre nos casos onde o Hochdeutsch usa o grafema <ß>, que obviamente é excluído da escrita do Hunsrückisch. Contudo, ao escrever palavras como alemão *Straße* ‘rua’ e *groß* ‘grande’ em Hunsrückisch *Stross* ou *gross*, os autores violam a regra da vogal breve diante de duas consoantes, deixando de marcar oposições como *Stros* ‘rua, estrada’ e *Stross* ‘garganta’. Às vezes essa oposição vem acompanhada apenas de variação simples da mesma palavra, como em *Hoss* var. *Hos* ‘calça’ e *Hoos* ‘coelho’. É verdade que o contexto auxilia na compreensão, mas o exemplo mostra a perspicácia dos falantes em marcar a distinção, ou através da duração (/o/ longo ou breve), ou através da abertura da vogal (/o/ longo fechado ou aberto).

Outro problema decorre da espirantização de /g/, resultando em um som equivalente a <ch> (v. abaixo no consonantismo). A vogal que antecede <ch> de modo geral é breve, p.ex. em *spreche* ‘falar’ e *lache* ‘sorrir’. Com a espirantização, surgem exemplos como *Kuchel* ‘bola’, *Kuche* ‘cuca’ ou *Vochel* var. *Vohl* ‘pássaro’, que pela regra seriam breves, mas se pronunciam como vogais longas. Optamos aqui em manter <ch> simples, por maior economia e por achar que não causa maiores problemas na leitura.

- b) **Vogal diante de <h>** pronuncia-se como longa. Exemplos: *hohl* ‘oco’ (compare-se *holl* ‘pega’), *Stihl* ‘cadeiras’ (compare-se *Stiel* ‘cabo’ e *still bleiwe* ‘ficar parado, não se mexer’), *stehn* ‘estar parado, em pé’ (compare-se *Stenn* ‘estrela’, ‘testa’).

Um problema dessa regra é que exige de quem escreve um grau de letramento e de familiaridade com a escrita do alemão, como aliás o conjunto da proposta. Por outro lado, para a leitura parece não haver essa mesma dificuldade. Como qualquer língua, uma

boa escrita pressupõe uma boa experiência de leitura. Outras opções, além das já citadas, para marcar as vogais longas são encontradas na tradição. São as seguintes:

- c) É comum o **emprego do grafema <ee>** para marcar /e:/ longo, sobretudo nos casos em que existe a variante <ei> (tipo 3 do Hunsrückisch, mais próximo do padrão), como em *Steen* var. *Stein* 'pedra' (compare-se *stehn* e *Stenn* acima), *kleen* var. *klein*. Inclui-se aqui toda a série de verbos com sufixo *-iere* vs. *-eere*, como em *telefoneere* var. *telefoniere* 'telefonar', *schmeere* var. *schmiere* 'esfregar, untar'. Por fim, em alguns casos onde o Hochdeutsch apresenta vogal longa arredondada /ö/, costuma aparecer, nos textos em Hunsrückisch, a grafia com <ee>, p.ex. *scheen* 'bonito' (compare-se Hdt. *schön*). São poucos exemplos. A nossa posição é favorável ao uso de <ee> que julgamos auxiliar na clareza sobretudo de monossílabos.
- d) O **emprego de <ie>**, inclusive como variante de pronúncia, aparece generalizado. Exemplos: *lieb* 'querido', *Besemstiel* 'cabo de vassoura', *Lied* 'canção', *namoriere* var. *namoreere* 'namorar'. Como no caso de /ö/, o grafema <ie> pode assumir a mesma função para distinguir palavras, sobretudo monossilábicas, onde o Hochdeutsch possui <ü>, p.ex. *mied* 'cansado' (compare-se Hdt. *müde*), *Brieder* 'irmãos' (compare-se Hdt. *Brüder*). Rambo, como alguns outros autores isolados, emprega às vezes para esses casos ainda <ii>. Isso nos parece uma grafia desnecessária, pois já está coberta pelo <ie>. Nos contextos onde segue <h>, opta-se por <i> simples, pois o <h> já marca a duração longa.
- e) Talvez uma das maiores dificuldades na escrita do Hunsrückisch seja a **grafia para /o/ aberto e longo**. A maioria dos autores emprega, na verdade, a variante /a/ longo, grafando-a muitas vezes com dois <aa>. Esta opção coincide de fato com a variante do tipo 3 do Hunsrückisch, mais próximo do padrão; contrasta porém com o que, na verdade, se fala com mais frequência nas colônias, onde, como mostra o estudo de Altenhofen (1996, v. mapas 26, 27, 28, 54, 56, 59, 69), a partir de um *corpus* representativo de dez localidades situadas nas colônias novas e velhas do Rio Grande do Sul, predomina o uso de /o/ longo e aberto no dia-a-dia. Como registrar esta pronúncia grafematicamente?

A opção dos autores por <aa> ou <a>, representando quase a maioria (p.ex. *aarich* 'muito', *aach* 'também', *Taach* 'dia', *Fraa* 'mulher', *Gaade* 'jardim', como em Rottmann e Rambo), deve-se em parte a uma tradição anterior, que usava prioritariamente <aa>, e à falta de um grafema mais apropriado para o som de /o/ longo aberto. Nossa posição, respeitando o emprego de <aa> ou <a> por quem fala o tipo 3 de Hunsrückisch, foi encontrar um grafema para essa vogal /o/ aberta e longa. Nos defrontamos com duas opções:

1. uso de <oo> para contrastar com <o> fechado longo diante de consoante simples ou <h>. Exemplos: *Galinhoode* var. *Galinhade* 'galinhada', *Goode* var. *Gaade* 'jardim, horta' (compare-se *Kote* 'madrinhas'), além dos exemplos já mencionados *oorich*, *ooch*, *Tooch* e *Froo*. O emprego de <oo> aparece, em alguns autores como Rambo, Rottmann e Spohr, para /o/ fechado, em analogia ao que se pratica com <ee>, escrevendo p.ex. *Schoof* (Rottmann 1950, p. 147), *noore* (Spohr 2006, p. 106), *Bloos* var. *Blas* 'bexiga' (RAMBO 2002, v. 1, p. 118).
2. uso de <ó>, valendo-se de um acento agudo, como no português. Esta opção aparece esporadicamente, como em Collischonn. Cogitamos também dessa forma de grafia, mas os exemplos nos pareceram muito esdrúxulos e estranhos ao público leitor não acostumado: *órich*, *óch*, *Fró*, *Tóch* etc.

Após muita discussão, optamos pela forma <oo>, convencendo que esta sempre se pronuncia como /o/ longo e aberto. A oposição é necessária para distinguir exemplos como *Rood* 'roda' e *rot* 'vermelho', *Boohn* var. *Bahn* 'cancha' e *Bohn* 'feijão'.



### 3.2 Vogais desarredondadas

Diferentemente do Hochdeutsch, não ocorrem no Hunsrückisch as vogais arredondadas /ö, ü, ä/, que são pronunciadas respectivamente como /e, i, e/. Optamos, por isso, pelos grafemas <e> e <i>, salvaguardados os casos discutidos acima em relação à <ee> e <ie>, quando a vogal for longa. Exemplos. *here* ‘ouvir’ (Hdt. *hören*), *Glick* ‘sorte’ (Hdt. *Glück*), *Medche* (Hdt. *Mädchen*), mais os casos em que a grafia <ee> (p.ex. *bees* ‘brabo’ [Hdt. *böse*]) ou <ie> (p.ex. *mied* ‘cansado’ [Hdt. *müde*]) ajuda a marcar a vogal longa (v. 3.1.2 regras c) e d)). A literatura em Hunsrückisch ainda registra ocorrências de <ä>, principalmente Rambo e Rottmann (p.ex. *Männer* ‘homens’, ao invés de *Memmer*). Tal como no caso de <ß> achamos que se trata de um grafema dispensável, além de ser exclusivo do sistema ortográfico alemão, portanto estranho ao usuário que se alfabetizou basicamente em português.

### 3.3 Ditongos

Além dos ditongos decrescentes /ea, oa, ua/ resultantes da vocalização de um /r/, já tratados acima, destacam-se ainda os seguintes casos:

- a) **Opção pela grafia <ei>**: presente em diversos sobrenomes, nos parece adequado optar pela forma <ei> em lugar de <ai>, como fazem alguns, quando escrevem em Hunsrückisch. Nos parece que basta convencionar que <ei> sempre se pronuncia /ai/, exceto em estrangeirismos do português (p.ex. *de Pai* ‘papai’) ou exemplos consagrados pelo uso, como *Mai* ‘maio’, e que isso não representa maiores problemas, além de didaticamente facilitar posteriormente no ensino de alemão-padrão como língua estrangeira. Exemplos: *Schneider* ‘alfaiate’, *fein* ‘fino, chique’, *heit* ‘hoje’, *Leit* ‘pessoas’, *Ei* var. *Eu* ‘ovo’, *Feier* ‘fogo’.
- b) **Opção pela grafia <eu>**: Aplicam-se aqui os mesmos argumentos usados em relação a <ei>. O emprego de <oi> poderia deixar dúvidas sobre a qualidade da vogal /o/, se fechada ou aberta. Já a marcação da abertura com acento (<ói>) viola outros princípios mencionados anteriormente. Os exemplos não são tão numerosos, sobretudo considerando a sua substituição por <ei> nos tipos 1 e 2 do Hunsrückisch, onde é visto como marca do alemão-padrão (*feines Deutsch* ‘alemão fino’). Exemplos: *Neumann* ‘um sobrenome conhecido’, *neun* var. *nein* ‘nove’, *Eu* var. *Ei* ‘ovo’, *zweu* var. *zwei* ‘dois’, *Meu* var. *Mei* ‘visita’, *heut* ‘hoje’, *Leut* ‘pessoas’.
- c) A **grafina de <au>** não oferece maiores problemas, dada a sua coincidência com o português. Exemplos: *Haus* ‘casa’, *Maus* ‘camundongo’, *raus* ‘para fora’, *Haut* ‘pele’, *Maul* ‘boca’, *haue* ‘bater’ e também nos casos onde é variante do tipo 3 do Hunsrückisch, mais próxima do Hochdeutsch (p.ex. *Baum* var. *Boom* ‘árvore’, *auch* var. *ooch* ‘também’).
- d) O mesmo vale para a **grafina <ui>**. Os exemplos, porém, são mais raros, muitas vezes de empréstimos do português: *Teekui* ‘cuia de chimarrão’, *Lui* ‘abreviatura de *Luís*’.

### 4 Consonantismo

A grafia das consoantes segue, em nossa proposta, a tendência das regras do alemão, por motivos que já foram explicitados. Os casos mais polêmicos além das vocalizações de /r/ e da função de <h> para alongar a vogal precedente já foram discutidos. Para os seguintes contextos, trata-se de convencionar que “grafema x se pronuncia como x”, o que para a leitura não traz grandes problemas, mas para a escrita exige certa familiaridade com o texto escrito. É o caso dos pares <f> e <v> (*Vater* ‘pai’, *fetter* ‘mais gorduroso’, *Vetter* ‘primo’), sobretudo no prefixo ver- que convencionamos com duas variantes possíveis, *ve-* e *fa-* (p.ex. *vestehn* var. *fastehn* ‘compreender’).

O quadro final resume os grafemas utilizados e serve como uma espécie de guia. Destes, cabe destacar os seguintes exemplos mais discutíveis:

- a) <g> tem sempre pronúncia oclusiva (p.ex. *gille* ‘valer’); quando é aspirado, escreve-se como <ch> (p.ex. *richtich* ‘correto’, *Kuchel* ‘bola’).
- b) <g>, <d> e <b> pronunciam-se, é verdade, com certo ensurdecimento. Seus correlatos surdos <k>, <t> e <p> acrescentam muitas vezes um traço de aspiração. Exemplos: *koot* ‘jogar cartas’ vs. *Goode* ‘jardim, horta’, *picke* ‘picar’ vs. *bicke* ‘agachar-se’.
- c) <ng> traduz a consoante velar (no fundo da garganta), como em *jinger* ‘mais jovem’, salvo exceções em que coincide com <nk>, como em *Bank* ‘banco’.
- d) preferimos <sp> e <st> à escrita <schp> e <scht>, por resultar no mesmo efeito de pronúncia pelo leitor, assim como também pela sua maior economia.
- e) <sch> ocorre diante e depois das demais consoantes e de vogal: *Schul* ‘escola’, *fosch* ‘forte’, *veschreiw* ‘receitar’, *schneide* ‘cortar’, *schlicke* ‘engolir’, *schmeisse* ‘atirar’.
- f) <ch> representa dois sons inexistentes no português, seja palatal, como em *ich* ‘eu’, *richtich* ‘correto’, *schlecht* ‘ruim’, seja velar, como em *noch* ‘ainda’, *Tischtuch* ‘toalha de mesa’, *jachte* ‘caçar’, *Hietche* ‘chapéuzinho’ (compare-se *Hittche* ‘cabaninha’)
- g) casos de mera convenção, pelo menos para a leitura são as pronúncias de <v> como /f/ (p.ex. *Vater* ‘pai’), <z> e <tz> como /ts/ (p.ex. *Zeitung* ‘jornal’, *Katz* ‘gato’), <w> como /v/ (*Wasser* ‘água’, *Wowwo* ‘vovô’).
- h) o mesmo vale para <k> e <ck>, <j> e <w> (v. exemplos abaixo).
- i) <ck> pode ser interpretado como <kk>, tornando a vogal precedente curta. Exemplo *Mick* ‘mosca’.

## 5 Resumo da proposta de escrita para o Hunsrückisch

Resumindo a análise dos aspectos tipográficos, do vocalismo e do consonantismo que compõem uma proposta de escrita do Hunsrückisch, podemos apresentar o seguinte quadro em forma de exemplificação, pressupondo, é claro, que os exemplos falam por si e que a sua implementação depende naturalmente de um treinamento prévio, e que a prática e o uso irão determinar as adaptações ainda necessárias.

### Aspectos tipográficos:

- **substantivos com inicial maiúscula:** *das Fest* ‘a festa’ (compare-se *fest* ‘preso, fixo’), *de Brige* ‘briga’ (compare-se *brige* ‘brigar’).
- **palavras compostas escritas junto:** *Blitzlamp* ‘lanterna’, *Dickkopp* ‘cabeçudo’.
- **escrita dos estrangeiros como na língua-fonte:** *die Calçada* ‘a calçada’, *de Milho* ‘o milho’, *de Show* ‘o show’, *de Jorge* ‘o Jorge’, *die Corrupção* ‘a corrupção’.
- **empréstimos integrados seguindo as regras do Hunsrückisch:** *die Kalsoode* ‘a calçada’, *de Miljekolwe* ‘a espiga de milho’, *de Schosch* ‘o Jorge’ (cf. francês *Georg*), *die Korruption* ‘a corrupção’.

### Vogais breves:

- **vogal diante de duas consoantes:** *kalt* ‘frio’, *holl* ‘pega’, *Stenn* ‘estrela, testa’, *Land* ‘terra’, *Stross* ‘garganta’, *Fest* ‘festa’, *lenne* ‘aprender’, *bringe* ‘trazer’, *krinse* ‘resmungar’.
- **duplicação da consoante em contextos de adição de vogal epentética:** *Millich* ‘leite’, *Berrich* ‘morro’.

- **<-er> em final de palavra:** *immer* ‘sempre’, *Kinner* ‘crianças’, *Menner* ‘homens’, *Fenster* ‘janela’, *Lehrer* ‘professor’, *Wasser* ‘água’, *Lewwer* ‘figado’, *scheener* ‘mais bonito’, *hetter* ‘mais alto, mais duro’.

### Vogais longas:

- **vogal diante de consoante simples** pronuncia-se longa: *gros* ‘grande’, *Stros* ‘rua’, *ruwe* ‘chamar’, *Lewe* ‘vida’, *Bower* ‘abóbora’, *Buwe* ‘rapazes’, *Assude* ‘açude’, *blumich* ‘floreado’, *brige* ‘brigar’.
- **vogal diante de <h>** pronuncia-se longa: *hohl* ‘oco’, *stehn* ‘estar em pé’, *Kuhstall* ‘estábulo’, *Schuhbennel* ‘cadarço do sapato’.
- **<u> diante de <ch>**: *Kuche* ‘cuca’, *kluch* ‘inteligente’, *Kuchel* ‘bola’.
- **<o> fechado diante de <ch>**: *Vochel* ‘pássaro’.
- **<ie>** (/i/ longo) *lieb* ‘querido’, *Spiel* ‘jogo’, *mied* ‘cansado’, *Lied* ‘canção’, *schmiere* ‘passar em algo, esfregar’, *telefoniere* ‘telefonar’.
- **<ee>** (/e/ longo) *kleen* ‘pequeno’, *scheen* ‘bonito’, *Reen* var. *Reeche* ‘chuva’, *schmeere* ‘esfregar’, *telefoneere* ‘telefonar’.
- **<oo>** (/o/ longo aberto) *Goode* ‘jardim’, *Froo* ‘mulher’, *Tooch* ‘dia’, *woorem* ‘quente’, *Groos* ‘grama’, *soohn* ‘dizer’ (exceção: prefixo *on-*, *onmache* ‘ligar’, *onbinne* ‘amarrar’).
- **<aa>** (/a/ longo) *Gaade* ‘jardim’, *Fraa* ‘mulher’, *Taach* ‘dia’.

### Ditongos:

- **<ei>** *Schneider* ‘alfaiate’, *fein* ‘fino’, *heit* ‘hoje’, *Leit* ‘pessoas’, *Ei* var. *Eu* ‘ovo’, *Feier* ‘fogo’.
- **<eu>** *Neumann* ‘um sobrenome conhecido’, *neun* var. *nein* ‘nove’, *Eu* var. *Ei* ‘ovo’, *zweu* var. *zwei* ‘dois’, *Meu* ‘visita’, *heut* ‘hoje’, *Leut* ‘pessoas’.
- **<au>** *Haus* ‘casa’, *Maus* ‘camundongo’, *raus* ‘para fora’, *Haut* ‘pele’, *Maul* ‘boca’, *haue* ‘bater’.
- **<ui>** *Teekui* ‘cuia de chimarrão’, *Lui* ‘abreviatura de *Luis*’.
- **<ea> em sílaba tônica:** *Weat* ‘valor’, *mea* ‘nós’, *Tea* ‘porta’, *Schea* ‘tesoura’ (exceções: *leer* ‘vazio’, *Meer* ‘mar’, *Lehr* ‘ensinamento’)
- **<-ohr, -or> com pronúncia de /oa/:** *Rohr* ‘cano, mangueira’, *wohr* ‘verdadeiro’, *Johr* ‘ano’, *Ohr* ‘orelha’, *Hohr* ‘cabelo’, também *vor* ‘antes’.
- **<-uhr, -ur> com pronúncia de /ua/:** *Uhr* ‘relógio, hora’, *Fuhr* ‘carreiro ao arar’, também *pur* ‘puro’, *Natur* ‘natureza’.

### Consoantes:

- **<j>** *jedes Johr* ‘todos os anos’, *Jacke* ‘casaco’, *Jookob* ‘Jakob’, *Griensje* ‘salsinha’, *Bliesje* ‘blusinha’, *Miljehitt* ‘paiol’.
- **<z>** (em sílaba tônica) *Zeitung* ‘jornal’, *Zimmer* ‘quarto’, *Zeich* ‘roupa’, *Zucker* ‘açúcar’, *zackre* ‘arar’, *vezehle* ‘conversar’, *zurick* ‘de volta’, *zwerich* ‘diagonal, mal-educado’, *Zwiwwel* ‘cebola’.
- **<tz>** (em posição pós-tônica) *Katz* ‘gato’, *Hetz* ‘coração’, *Kotz* ‘vômito’, *spritze* ‘respingar, vacinar’, *kitzlich* ‘coceguento’, *putze* ‘limpar’.
- **<s>** *sauwer* ‘limpo’, *Kees* ‘queijo’, *Kuss* ‘beijo’, *sammle* ‘coleccionar, juntar’, *passeere* ‘acontecer’, *glense* ‘brilhar’.

- <w> *Wasser* ‘água’, *Worrem* ‘verme’, *lewe* ‘viver’, *Wowwo* ‘vovô’, *Wowwe* ‘vovó’, *Wunner* ‘admiração’, *Winter* ‘inverno’, *Woose* ‘vaso’.
- <v> *Vater* ‘pai’, *Vohl* var. *Vochel* ‘pássaro’, *vekoofe* ‘vender’, *vebreche* ‘quebrar’, *vorgehn* ‘avançar’, *vorrigh Johr* ‘ano passado’, *vonne* ‘na frente’.
- <f> *Faulenser* ‘preguiçoso’, *finne* ‘achar’, *Fehler* ‘erro’, *fakoofe* ‘vender’, *fabreche* ‘quebrar’.
- <p> (por tradição + com aspiração): *Pans* ‘barriga’, *Pooter* ‘padre’, *Patt* ‘padrinho’, *petze* ‘beliscar’, *vespeet* ‘atrasado’, *planse* ‘plantar’.
- <b> (sem aspiração): *bettle* ‘pedir esmola’, *babble* ‘tagarelar’, *Bock* ‘bode’, *Bicher* ‘livros’, *Gebet* ‘oração’, *brille* ‘chorar’.
- <t> (por tradição + com aspiração): *Teiwei* ‘diabo’, *Tinte* ‘tinta’, *traurich* ‘triste’, *toofe* ‘batizar’, *teier* ‘caro’, *Tante* ‘tia’, *tausend unn tante* ‘mil e tantos’.
- <d> (sem aspiração): *dumm* ‘bobo’, *denke* ‘pensar’, *dumme* ‘apressar-se’, *Deckel* ‘tampa’, *de best* ‘o melhor’.
- <g> *gut*, *Gaul* ‘cavalo’, *gewinne* ‘ganhar’, *Glick* ‘sorte’, *gille*, *gewwe* ‘dar’, *Guri* ‘guri’, *Goode* ‘jardim, horta’, *brige* ‘brigar’, *Bricke* ‘pontes’, *de greest* ‘o maior’.
- <ng> *bang* ‘com medo’, *lang* ‘por muito tempo’ (exceção: *lank* /*lank* ‘longo’), *Finger* ‘dedo’, *lenger* ‘mais longo’, *angle* ‘pescar’, *Engel* ‘anjo’, *Springersaleb* ‘ungüento Springer’, *onfange* ‘começar’, *Jung* ‘rapaz’, *jinger* (exceção: *jung* /*junk* ‘jovem’).
- <nk> *Bank* ‘banco’, *Benk* ‘bancos’, *lank* ‘longo’, *krank* ‘doente’, *lenke* ‘guiar’, *Lenk*, *flink* ‘hábil’, *Onkel* ‘tio’.
- <ck> *Mick* ‘mosca’, *verrickt* ‘louco’, *Brick*, *Wecker* ‘despertador’, *Becker* ‘padeiro’, *packe* ‘consegui’, *backe* ‘assar’, *Backe* ‘bochecha’, *Seckel* ‘bolso’.
- <k> *kaputt* ‘estragado’, *Kunne* ‘cliente, cara’, *koofe* ‘comprar’, *Kui* ‘cuia’, *Kisse* ‘travesseiro’, *Kanecker* ‘caneca’, *Kerrich* ‘igreja’.
- <sp> *vespreche* ‘prometer’, *Spinneweb* ‘teia de aranha’, *spassich* ‘estranho, engraçado’, *gesproch* ‘falado’.
- <st> *Steier* ‘imposto’, *Stros* ‘estrada’, *Gestank* ‘fedor’, *ufsteie* ‘levantar’, *vestehn* ‘compreender’, *Stihl* ‘cadeiras’, *Stimm* ‘voz, voto’.
- <sch> *Schul* ‘escola’, *fosch* ‘forte’, *veschreiwie* ‘receitar’, *schneide* ‘cortar’, *Schmea* var. *Schmier* ‘marmelada, doce para passar no pão, chimia’.
- <ch> *ich* ‘eu’, *richtich* ‘correto’, *schlecht* ‘ruim’, *noch* ‘ainda’, *Tischtuch* ‘toalha de mesa’, *jachte* ‘caçar’, *Hietche* ‘chapéuzinho’ (compare-se *Hittche* ‘cabaninha’).
- <m> *mechtich* ‘muito’, *mim* ‘com o’ (compare-se *mit dem*), *om Enn* ‘no fim’, *amenn* ‘talvez’, *brumme* ‘rosnar’, *Teebumb* ‘bomba de chimarrão’, *Boddem* var. *Bodem* var. *Borrem* ‘chão’.
- <n> *Schreibnoome* ‘sobrenome’, *Wand* ‘parede’, *onnanner* ‘um ao outro’, *Indruck* ‘impressão’.

## Referências bibliográficas

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A aprendizagem do português em uma comunidade bilíngüe do Rio Grande do Sul. Um estudo de redes de comunicação em Harmonia*. Dissertação (Mestrado) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. A constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.
- COLLISCHONN, Wolfgang Hans. Coluna *Deutsche Sprache*, no jornal *O Informativo*, de Lajeado - RS.
- Coluna *Der Friedolin*, no jornal *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul – RS.
- Coluna no jornal semanal *Primeira Hora*, de Bom Princípio – RS.
- Coluna *Hunsrücker aus Rondon*, no jornal *Evangelische Zeitung*, editado em Porto Alegre (?).
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México : Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- FLACH, José Inácio. *Unsa gut deutsch Kolonie*. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.
- GROSS, Alfredo. *Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache*. Porto Alegre : S.e., 2001.
- MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: este peculiar objeto de conhecimento*. In: Moraes, artur Gomes de (org.). *O aprendizado da ortografia*. 3. ed. Belo Horizonte : atêntica, 2003. p. 7-19.
- MORTARA, Giorgio. *Immigration to Brazil: some observations on the linguistic assimilation of immigrants and their descendents in Brazil*. In: Cultural Assimilation of Immigrants. Supplement to Population Studies. London / New York, Cambridge University Press, 1950. p. 39-44.
- MÜLLER, Telmo Lauro. *História da imigração alemã para crianças*. Porto Alegre : EST; Correio Riograndense, 1996. [ed. trilingüe português-alemão-dialeto Hunsrückisch]
- RAMBO, Pe. Balduino. *O rebento do carvalho: contos dialetais (1937 a 1961)*. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS): Ed. UNISINOS, 2002. [1937-1961] v. 1-2.
- ROTTMANN, Peter Joseph. *Gedichte in Hunsrücker Mundart*. 7. Aufl. Mit dem Bildnis und einer Lebensskizze des Verfassers von Hermann GRIEBEN. Trier: Lintz, 1889. [1840]
- SPOHR, Norberto. Textos no *Familienkalender*, almanaque anual editado em Porto Alegre - RS.
- Textos em Hunsrückisch no *Brumbär-Kalender*, editado entre 1931 e 1935, em Arroio do Meio - RS, por Alfons Brod.
- Textos em Hunsrückisch no *Sankt Paulusblatt*, periódico mensal editado pela Sociedade União Popular Theodor Amstad, em Nova Petrópolis – RS.

## Notas

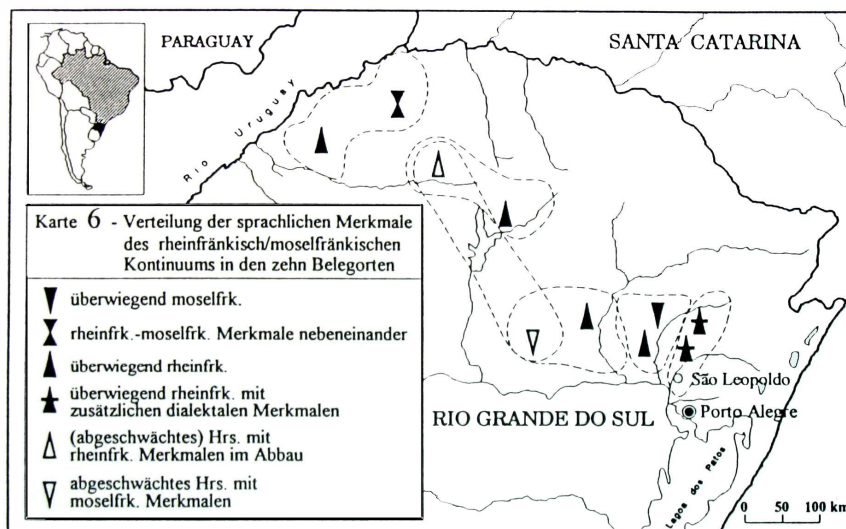
<sup>1</sup> Este texto é uma versão revista e ampliada de uma comunicação apresentada pelo grupo ESCRITHU no *Seminário Internacional: Imigração e Relações Interétnicas*, XVII Simpósio do Instituto Histórico de São Leopoldo, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e pelo Instituto Histórico de São Leopoldo, no período de 13 a 15 de setembro de 2006.

<sup>2</sup> Seminário sobre a Criação do Livro das Línguas, promovido pelo IPHAN ([www.iphan.gov.br/](http://www.iphan.gov.br/)), IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística - [www.ipol.org.br](http://www.ipol.org.br/)) e Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, em Brasília, 07 a 09 março de 2006.

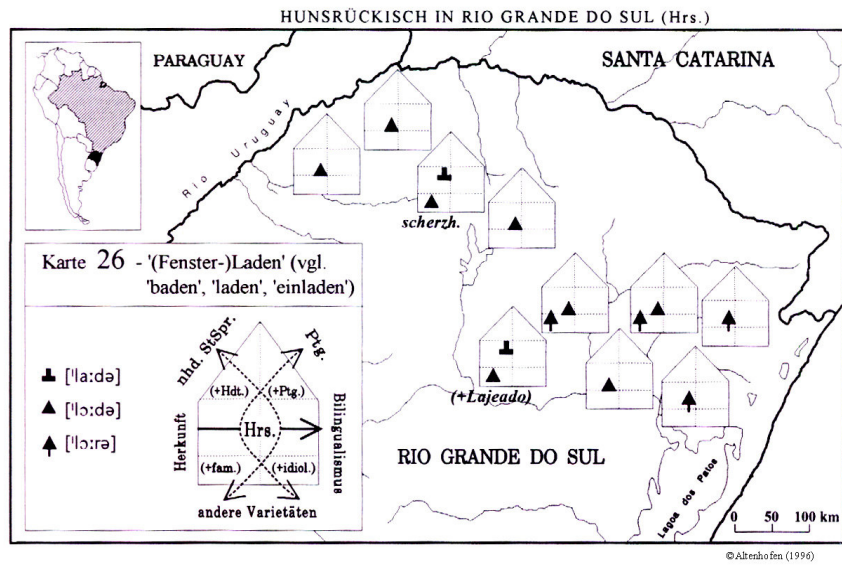
<sup>3</sup> Optamos, aqui, pelo termo *língua*, quando consideramos seu *status* sistêmico e independente, em contato com o português (língua como sistema fônico e gramatical); a opção por *dialeto* ocorre, quando se destaca sua condição de subsistema do alemão e sua vinculação histórica ao alemão como língua-teto (*Überdachungsnorm*). Veja-se para tanto Coseriu (1982).

<sup>4</sup> Esta estimativa, que se baseia em resultados do projeto BIRS (*Bilingüismo no Rio Gande do Sul* – v. ALTENHOFEN 1990) e dos censos do IBGE de 1940 e 1950 (v. MORTARA 1950), infelizmente os últimos que ainda inquiriram sobre outras “línguas, além do português, faladas no lar,” deve ser tomada apenas como um indicador muito geral. É praticamente impossível determinar um número preciso de falantes, ainda mais considerando que os censos existentes referem-se às línguas pelo nome genérico, no caso alemão, sem referência propriamente à variedade dialetal específica que de fato é falada.

<sup>5</sup> Tradução: ‘Era uma vez uma menina / de dezenove, vinte anos / que tinha cabelos marrons e lisos / da cor da casca da castanha.’



Tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul, segundo Altenhofen (1996).



Mapa da variação de [a:] e [ɔ:], segundo Altenhofen (1996).